

# ESTRATÉGIAS UTILIZADAS POR PSICÓLOGOS NO CONTEXTO HOSPITALAR PARA A MINIMIZAÇÃO DOS EFEITOS DIFICULTADORES DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL EM UMA INSTITUIÇÃO DE SAÚDE DE SETE LAGOAS-MG.

Aline Silva Ferreira<sup>1</sup>

Flávia de Carvalho Barbosa<sup>2</sup>

## RESUMO

A implantação da psicologia hospitalar passou a ser expressiva nos últimos anos. Contudo, mesmo após essa inserção, existem ainda dificuldades a serem superadas pelo profissional de psicologia no contexto hospitalar, como o ajustamento na equipe de saúde e a falta de entendimento do trabalho do profissional no âmbito hospitalar, o que faz com que o psicólogo crie estratégias para lidar com essas adversidades. Diante disso, este trabalho visa responder à seguinte pergunta: quais estratégias são utilizadas pelo psicólogo para minimizar os efeitos dificultadores do exercício profissional dentro de uma instituição de saúde de Sete Lagoas-MG? O objetivo geral desse estudo foi identificar tais estratégias adotadas pelo psicólogo diante das dificuldades que possam haver no contexto hospitalar. Os objetivos específicos foram apontar as possibilidades de atuação do psicólogo hospitalar junto à equipe do hospital, bem como conhecer os obstáculos para a plena atuação do psicólogo no ambiente hospitalar. O presente trabalho se classifica como um estudo de caso e tem a natureza descritiva na modalidade qualitativa. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas com 4 psicólogos de um hospital de Sete Lagoas-MG. Como resposta à problemática da pesquisa, as soluções foram que, a principal estratégia consiste na tentativa de demarcação da psicologia no hospital, através do diálogo, mostrando aos profissionais que a psicologia está ali para buscar o melhor para o paciente. Ainda, os psicólogos entrevistados disseram buscar ser proativos e manter uma relação sólida com a equipe.

**Palavras – chave:** Estratégias. Psicologia hospitalar. Dificultadores.

## ABSTRACT

The implementation of hospital psychology has become expressive in recent years. However, even after this insertion, there are still difficulties to be faced by the psychology professional at the hospital context, such as the adjustment in the health team and the lack of understanding of the work of the hospital professional that makes the psychologist create strategies to cope with these difficulties. Therefore, this paper aims to answer the following question: What strategies are used by the psychologist to minimize the hindering effects of the professional practice within a health institution in Sete Lagoas - MG? The aim of this study was to identify the strategies used by the psychologist in the face of the difficulties that may exist at a hospital context. The specific objectives were to point out the possibilities of acting of the hospital psychologist with the hospital staff, the patients, and to know the difficulties of the full exercise of the psychologist at the hospital environment. This paper is classified as a case study and has a descriptive nature in qualitative mode. Data collection was performed through semi-structured interviews with four psychologists of a hospital in Sete Lagoas - MG. In response to the research problem, the answers were that the main strategy is the attempt to delimit psychology at the hospital, through dialogue, showing professionals that psychology is there to seek the best for the patient. As for the institution's difficulties, psychologists seek to be proactive and maintain a solid relationship with the team.

**Key words:** Strategies. Hospital psychology. Difficulties.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Psicologia na FCV-Faculdade Ciências da Vida. *E-mail:* alinesilvaferreira1507@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Administração Pública com ênfase em políticas sociais, Graduada em psicologia e docente do curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida-FCV/Sete Lagoas-MG. *E-mail:* flacaba@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

No ano de 1818, no hospital McLean em Massachussets, foi criada a primeira equipe com vários profissionais da saúde, envolvendo um psicólogo. Em 1904, na mesma instituição, foram realizadas pesquisas precursoras acerca da psicologia hospitalar. Já no Brasil, a inserção do psicólogo começou no ano de 1950, no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina, na Universidade de São Paulo-USP. Matilde Neder foi a responsável por esse feito, adaptando suas técnicas da clínica teórica para a realidade institucional (TEDESCO, 2017). Outras pesquisas relatam que a inserção dos psicólogos nas instituições hospitalares foi contínua, mas só se consolidou nos primeiros anos do século XXI (REIS *et al.* 2016).

A psicologia no contexto hospitalar busca diminuir o sofrimento causado pela hospitalização ou adoecimento. Por isso, é necessário que o psicólogo considere o paciente na sua totalidade, como um ser biopsicossocial, um olhar que deve buscar o sujeito para além da enfermidade, de forma a se distinguir do modelo biomédico que há uma prevalência para tratar da doença e suas especificidades, desconsiderando o indivíduo internado como um todo (CHIATONE, 2011). A autora ainda cita que são vários os problemas e desafios que os profissionais de psicologia podem enfrentar ao trabalhar na instituição hospitalar, como a falta de entendimento sobre o trabalho do psicólogo pela equipe de saúde, pacientes ou familiares.

É notório que o psicólogo tem conquistado seu espaço de atuação dentro das instituições hospitalares, resultando no crescimento e reconhecimento da importância da psicologia nesse contexto. Diferentemente da clínica, o hospital é um lugar dinâmico, onde se lida com a doença e a hospitalização e, neste contexto, aumentam as dificuldades para sua atuação e estas são pouco discutidas. Ao atrair a atenção para o tema, este trabalho se justifica por apresentar ao estudante e aos profissionais da área, as adversidades que os psicólogos enfrentam no seu dia a dia no hospital, como a cultura centrada na doença, pautada no modelo biomédico e a necessidade de entendimento dos outros profissionais sobre o trabalho do psicólogo hospitalar. O tema se torna relevante, na medida em que demonstra as estratégias utilizadas por psicólogos no enfrentamento das adversidades comumente encontradas no ambiente hospitalar, auxiliando assim na construção do saber psicológico e na criação de novas estratégias por parte de outras equipes, pois as informações aqui contidas podem servir de referência para estes profissionais.

A partir do exposto, foi levantada a seguinte questão de pesquisa: quais as estratégias utilizadas pelo psicólogo para minimizar os efeitos dificultadores do exercício profissional

dentro de um hospital de Sete Lagoas-MG? A fim de responder à questão que norteia o presente estudo, foram elaborados dois pressupostos: Ao mostrar ao hospital a importância da psicologia, pode vir a ser um fator contribuinte para a diminuição das dificuldades do exercício da profissão dentro do âmbito hospitalar. Ainda, trabalhar juntamente com a equipe de saúde e o hospital podem minimizar os problemas, visto que quando se faz parte de uma instituição hospitalar é imprescindível que haja uma troca de saberes para melhor atender a demanda do paciente.

Dessa forma, o objetivo geral desse estudo foi identificar as estratégias utilizadas pelo psicólogo diante das dificuldades que possam haver no contexto hospitalar. O objetivo específico foi apontar as possibilidades de atuação do psicólogo hospitalar junto à equipe do hospital, bem como conhecer as adversidades para o pleno exercício do psicólogo no ambiente hospitalar. Para a elaboração da investigação, foi realizado um estudo de caso, e para tanto, contou com entrevistas semiestruturadas com 4 psicólogos que atuam em um hospital, localizado na cidade de Sete Lagoas – MG. Para a coleta dos dados, foi elaborada uma entrevista semiestruturada e as informações apuradas foram analisadas por meio de análise de conteúdo conforme Bardin (1977).

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A PSICOLOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR**

Nos Estados Unidos, a inserção do profissional de psicologia no hospital ocorreu na década de 1940, após a Segunda Guerra Mundial, devido observação da necessidade de um acompanhamento psicológico para os militares, que manifestaram diversas reações psíquicas enquanto se encontravam hospitalizados. Foi observado ainda que, alguns pacientes se encontravam depressivos em razão da hospitalização, do adoecimento ou até mesmo pelos procedimentos invasivos, surgindo a necessidade de pesquisar sobre o fenômeno saúde e doença. Em 1970, nos EUA, foram levantadas questões sobre os projetos de saúde que incluíam psicólogos na saúde. Entretanto, somente em 1977 veio a aprovação da ata para todo o país. Atualmente, o foco no processo saúde doença visa vários lugares além dos hospitais nos EUA, como comunidades e postos de saúde (AZEVEDO; CREPALDI, 2016).

Segundo Tedesco (2017), aconteceram eventos importantes para o crescimento da Psicologia Hospitalar no Brasil: Matilde Neder ajudou neste processo quando ajustou as

técnicas da clínica para o hospital em 1950. No ano de 1976 ocorreu o primeiro curso de Psicologia Hospitalar no país, gerido por Bellkiss Wilma Romano no Instituto do Coração no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Em 1979, Regina D'Aquino organizou um trabalho em Brasília que marcou sua carreira, envolvendo pacientes terminais, com o tema sobre a atuação na morte e suas implicações. No ano de 1981, Valdemar Augusto Angerami-Camon, um renomado psicoterapeuta, organizou o curso de aperfeiçoamento em Psicologia Hospitalar no Instituto *Sedes Sapientiae*, de São Paulo. Em 1983, os Psicólogos do Hospital das Clínicas, em parceria com o Instituto do Coração da USP, realizaram o I Encontro Nacional de Psicologia na Área Hospitalar, sob a responsabilidade de Bellkiss Lamosa.

Mesmo após todos estes eventos, somente no ano de 2000, a Psicologia Hospitalar foi reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) como uma área de atuação do psicólogo, criando assim a resolução CFP 03/2007. Autores como Camon (2010) e Chiattonne (2011) explicitam que as graduações de psicologia deixam a desejar no quesito preparação dos profissionais para a área hospitalar. Aqueles que querem se especializar nessa área, tem que buscar fora da graduação. Essa defasagem pode ser uma consequência da falta da importância à área que não foi dada no passado, pois até hoje, em algumas instituições de ensino superior, a disciplina de Psicologia Hospitalar surge como optativa e não como parte da grade obrigatória.

## 2.2 O FAZER EM SI, POSSIBILIDADES E DIFICULDADES.

Conforme salienta Camon (2010), os psicólogos no contexto hospitalar têm como objetivo primordial minimizar o sofrimento pela hospitalização e o adoecimento, pois precisam abranger também os aspectos emocionais subsequentes desta hospitalização, considerando este paciente em sua totalidade. Perante uma doença ou até mesmo o medo iminente da morte, o homem vê as possibilidades das realizações se esvaindo, ao mesmo tempo em que a preocupação com a família, com a casa e com a vida lá fora crescem, o que pode trazer angústia. Por isso, o psicólogo não deve considerar o paciente apenas como uma patologia, diferenciando-se assim do modelo biomédico que acredita que os aspectos emocionais não podem influenciar no corpo físico (KOHLSDORF; BORGES, 2017).

O modelo biomédico, que se pauta somente nas doenças biológicas e desconsidera as questões emocionais e sociais do paciente. Pode torna-se um dos dificultadores para o

exercício da profissão na instituição, pois muitas vezes, esta encontra-se embasada somente nesse modelo, onde o paciente deve ser tratado somente se pautando na doença. É de suma importância que o psicólogo saiba intervir, no sentido de que a equipe não veja o paciente apenas como uma patologia a ser tratada, mas que reconheça o indivíduo hospitalizado como um ser completo, sensibilizando o olhar da equipe para com estes pacientes, que estão temerosos por deixarem suas casas e famílias para tratar a doença que, de alguma forma, para ou transforma sua vida (CHIATONE, 2011).

No passado, ao ser internado, o paciente já começava a enfrentar uma perda de identidade, deixando de ter um nome e passando a ser conhecido por um número de leito ou número de prontuário e pela patologia que possui, sendo submetido a procedimentos invasivos que, em muitos casos, não era informado dos motivos, tendo ainda a sua privacidade invadida por qualquer um que adentrava no quarto. Entretanto, ocorreram mudanças no decorrer dos anos com inserção da humanização no hospital, incentivada pela integração do psicólogo, o que ajudou aos demais profissionais a considerar o paciente e suas emoções, minimizando as práticas abusivas que possam afetar a recuperação do indivíduo hospitalizado. Moreira *et al.* (2015), considera que a humanização pode ser vista como uma aproximação entre os profissionais e usuários da saúde, conduzidos por uma fundamentação na valorização e no respeito do sujeito enquanto pessoa. Neste contexto, é necessário que o psicólogo tome precauções para que não seja um fator de estresse para o paciente, fragilizado frente à hospitalização (CAMON, 2010).

Foucault (1970) salienta que não é possível ajudar alguém, quando não se sabe como essa pessoa se encontra. No caso do paciente hospitalizado, normalmente se prioriza o tratamento da doença e esquece-se de perguntar quem é o indivíduo além da doença, sua história e outras informações subjetivas. O autor fomenta que não é possível entender o sofrimento de alguém quando não se passa pela mesma situação que ela, mas é possível acolher este paciente na sua dor, através de uma escuta qualificada. Desta forma, o psicólogo no contexto hospitalar pode ser um mediador de mudanças, pois carrega um conhecimento científico acerca de uma conduta que leve a equipe e o hospital à reflexão sobre o modo de tratar o paciente. Assim, com o espaço conquistado pelo psicólogo no hospital, a instituição deixa de ser apenas o lugar onde se cuida da dor orgânica e passa a escutar também as dores da alma que podem submergir com a hospitalização e o adoecimento (GASPAR, 2011).

Segundo Chiatone (2011), o psicólogo ao se inserir dentro da instituição hospitalar precisa ter a consciência de que esta é regida por regras e procedimentos que devem ser

seguidos e que alguns desses procedimentos podem dificultar o exercício da profissão. A autora ainda diz que o psicólogo deve se afirmar e aproximar-se das equipes, mas sem perder a identidade profissional, visto que para ser compreendido profissionalmente, o psicólogo tende a se moldar com o modelo médico tradicional. Se o psicólogo não estiver atento a essas nuances é possível que, tanto os médicos, quanto a equipe de enfermagem, confundam o trabalho do psicólogo como sendo um mero “transmissor de recados”. É muito comum a equipe confundir o trabalho do psicólogo dentro do hospital atribuindo a ele qualquer tipo de função, como se ele fosse mediar qualquer problema ou eventualidade (NUNES; ZANETTI, 2015).

Dentro do hospital, o psicólogo hospitalar pode realizar pesquisas, atender aos pacientes, familiares ou responsáveis pelo paciente, trabalhar juntamente com a equipe de saúde e administrativa, procurando sempre o bem-estar físico e mental do paciente. O profissional de psicologia pode atuar em ambulatórios, Unidades de Terapia Intensiva, pronto socorro e enfermaria, podendo utilizar várias técnicas como a interconsulta, psicodiagnóstico, grupos terapêuticos, consultas em grupos e individuais. (CFP, 2001).

Ao tomar uma conduta terapêutica, o psicólogo tem o prévio conhecimento que ocupará um cargo com profissionais de outras áreas dentro do hospital, realizando um trabalho interdisciplinar, pois cada profissional tem um conhecimento diferente e estes conhecimentos contribuirão para melhor atender a demanda do paciente. Porém, o trabalho interdisciplinar pode vir a ser também uma dificuldade, já que alguns profissionais não estão abertos para escutar outras possibilidades, por presumirem que já tem o conhecimento suficiente diante da situação. Assim, cabe ao psicólogo manter uma postura ética e estar aberto para compreender o que seja melhor para o paciente (SILVA; JUNIOR, 2015).

### 2.3 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO POSSÍVEIS PARA A PSICOLOGIA NA DINÂMICA DO CONTEXTO HOSPITALAR

Segundo Mäder (2016), uma das possibilidades de enfrentamento no que concerne a dinâmica do hospital é a formação teórica do psicólogo, visto que ela engloba um desenvolvimento de estratégias para trabalhar com cada peculiaridade da área hospitalar. Quando começou a ganhar força e espaço no hospital em 1950, a psicologia hospitalar utilizava ferramentas de outras áreas da psicologia como o modelo clínico, mas com a prática do dia a dia e a experiência auxiliaram a construção de formas próprias de trabalhar e

fortificou o fazer da psicologia no hospital. O autor ainda cita que, além da formação técnica e teórica, é necessário que o psicólogo também saiba escutar os pacientes, familiares, a equipe do hospital e até mesmo se fazer escutar, pois, estar em psicoterapia e supervisão é fundamental para o pleno desenvolvimento do seu trabalho. O autor destaca também o que a visão de homem que ele tem através da sua abordagem teórica, pode influenciar seu trabalho.

Tendo em vista que o hospital é o local onde se lida com o adoecer e a possibilidade de morte, o psicólogo pode usar de ferramentas como grupos de discussão com profissionais de outras áreas do hospital, pois algumas vezes, a possibilidade da perda do paciente pode gerar estresse e angústia na equipe de saúde. O psicólogo deve estar preparado para enfrentar estas emoções, demonstrando que estão ali juntos na busca por um atendimento mais acolhedor para com os pacientes, seus familiares e ou acompanhantes, a fim de minimizar os efeitos da hospitalização ou do adoecimento (SILVA *et al.*, 2017).

Para Xavier, Reis e Frassão (2016), o trabalho com a equipe de saúde é um meio de enfrentamento para a psicologia no contexto hospitalar, pois o psicólogo tem a possibilidade de mostrar à equipe que aquele sujeito hospitalizado não é apenas sua patologia, mas que ele é um ser completo. Segundo os autores, um bom acolhimento é capaz de levar esse sujeito a estabelecer uma relação de confiança com os profissionais e melhorar sua compreensão sobre o processo de adoecimento. Assim, o trabalho do psicólogo com a equipe interdisciplinar pode contribuir, melhorar e ampliar o atendimento do paciente, sendo uma possibilidade de reconhecimento da psicologia dentro da dinâmica hospitalar (ALMEIDA, 2019).

O psicólogo, durante seu trabalho dentro do hospital enfrenta vários desafios, porém quando se trata da subjetividade do paciente hospitalizado, é preciso cautela no sentido de cuidar das questões emocionais do sujeito, pois ao utilizar os saberes da equipe e da psicologia, é possível que este sujeito consiga ressignificar o processo do ser e estar doente. Este cuidado é no sentido também de demonstrar que o profissional de psicologia não está ali como um detentor do conhecimento, mas que antes de qualquer técnica ou estratégia, está ali como um somar disposto a ajudar na minimização da dor e sofrimento referente à hospitalização e ao adoecimento, trazendo também um esclarecimento sobre o processo de saúde e doença (MATOS; JUNIOR, 2017).

### **3 METODOLOGIA**

O presente artigo se trata de uma pesquisa qualitativa, pois buscou dados que não

podem ser quantificados. Ao visar descrever quais as estratégias os psicólogos hospitalares utilizam para minimizar as dificuldades encontradas dentro do Hospital, demonstra sua natureza descritiva (GIL, 2002). Como procedimentos metodológicos, inicialmente, foi feita uma revisão na literatura para a base teórica do trabalho, utilizando-se de artigos e livros pertinentes ao tema em sites como o *Scielo*, *Lilacs* e *Google Acadêmico*. Para a busca foram utilizados os termos psicologia hospitalar, dificuldades do psicólogo hospitalar, estratégias de enfrentamento.

Em um segundo momento, foi feito um estudo de caso, que, segundo Gil (2002), se utiliza de poucos objetos para aprofundar mais no assunto pesquisado. Para a coleta dos dados, foi feita a aplicação de uma entrevista semiestruturada com quatro psicólogas que trabalham em uma instituição hospitalar, localizada na cidade de Sete Lagoas - MG. Como critério de inclusão, elas deveriam atuar junto à equipe hospitalar e aos pacientes, sendo excluídos os profissionais de psicologia que atuam na área de Recursos Humanos. As questões da entrevista trataram sobre como estas psicólogas lidam com as dificuldades encontradas no hospital, quais estratégias adotam e como é trabalhar com a dinâmica hospitalar. As entrevistas foram realizadas de forma individual, em uma sala reservada no hospital durante o mês outubro de 2019, com a duração de uma hora cada entrevista, as quais foram audiogravadas e posteriormente transcritas.

As entrevistadas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), tendo suas identidades preservadas. As informações apuradas foram analisadas através da análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), que perpassa pela ponderação do material obtido, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação dos resultados. Após a análise das entrevistas foram encontradas três categorias, sendo elas: I) O olhar do psicólogo voltado ao paciente. II) A relação do psicólogo com o hospital. III) Interação da equipe interdisciplinar.

#### **4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

As entrevistadas foram nomeadas como P1, P2, P3 e P4, tendo os seus nomes resguardados. Como dados gerais, as participantes têm entre 24 e 31 anos e trabalham no hospital entre 5 meses a 8 anos. As áreas de atuação das psicólogas entrevistadas dentro do hospital são diferentes, sendo elas, o centro de internação adulto, complexo materno, o setor de hemodiálise e de oncologia, conforme exposto na tabela 1.

**Tabela 1-** Perfil das psicólogas participantes da pesquisa

Psicólogas participantes	Sexo/ idade	Setor de trabalho e tempo de atuação no hospital.
P1	Feminino, 30 anos	Centro de internação adulto, 8 meses de serviço.
P2	Feminino, 31 anos	Complexo materno infantil, 5 meses de serviço.
P3	Feminino, 30 anos	Oncologia, 8 anos de serviço.
P4	Feminino, 24 anos	Hemodiálise, 1 ano e 5 meses de serviço.

**Fonte:** Dados da pesquisa

#### 4.1 O OLHAR DO PSICÓLOGO VOLTADO AO PACIENTE

Notou-se que as entrevistadas buscam olhar para o paciente de uma forma mais humanizada, enxergando os mesmos não apenas como uma patologia, mas ajudando tais sujeitos a ressignificar e entender o processo da hospitalização e do adoecimento. Pode-se observar que as entrevistadas buscam construir uma relação com o paciente, se este assim desejar, pois a aproximação do psicólogo não pode ser invasiva e nem forçada, devendo ser respeitada a vontade do paciente pelo atendimento da psicologia. (MOREIRA *et al.*, 2015)

“É fazer uma busca ativa, se apresentar, entrar no setor e falar pessoal estou aqui à disposição, se precisarem de mim [...] então é conquistar o espaço, trabalhar com as pessoas de uma forma positiva, humanizada e tendo empatia, é saber se colocar no lugar deste paciente.” (P2, 31 anos)

“A gente busca junto com o paciente que ele desenvolva suas possibilidades, para além dessas limitações, que ele consiga significar essa doença, que ele consiga dar sentido para sua existência, apesar da doença crônica. A gente tenta compreender como esse paciente significa esse fenômeno da doença, ajudando ele a lidar com essa angústia diante da doença, não deixar esse paciente perder essa essência da vida, diante da perda, por exemplo, da função renal.” (P4, 24 anos)

Almeida (2019) e Mader (2016) enfatizam que o psicólogo na área hospitalar precisa olhar para o paciente de uma forma integral, considerando suas emoções e auxiliando este sujeito a enfrentar os sentimentos que afloram no processo do adoecimento e da hospitalização. Os autores ainda citam que é preciso uma escuta qualificada e preparo por parte do psicólogo, para compreender o que se passa com o paciente, respeitando a sua subjetividade e fazendo com que ele se sinta acolhido e conquiste a capacidade de dar um significado para sua vida, apesar da doença que o levou a ficar hospitalizado.

Notou-se que o cuidado das entrevistadas voltado ao paciente vai além, pois enfatizaram o cuidado com a família e o acompanhante também, que muitas vezes, se sentem angustiados e aflitos com a situação do ente querido, que está hospitalizado. Oferecer um espaço para a escuta deste familiar é importante devido a necessidade de expressar sua tristeza, preocupação e aflição. Quando o psicólogo tem este cuidado com a família e o acompanhante, contribui no processo de elaboração da doença e da hospitalização do próprio paciente. (SILVA *et al.*, 2017).

“A gente atende ao leito, mas atende extra leito também, que é a família do paciente, e quando se tem uma demanda maior, nós marcamos com eles na salinha da psicologia. Para que a família consiga expressar seus sentimentos, por exemplo, no momento do fim da vida do paciente a despedir, falar tudo quer.” (P1, 30 anos)

“É um momento difícil né? Para a família. Então a gente trabalha com eles a aceitação diante da doença renal, porque a família sofre, tem uma crise, então a gente oferece esse suporte.” (P4, 24 anos)

Azevêdo e Crepalde (2016) ponderam que na aproximação com o paciente, o vínculo é estabelecido e é necessário que o psicólogo esteja atento à fala que o paciente traz. O cuidado com este sujeito perpassa o leito e vai ao encontro do familiar que pode se encontrar ansioso, perdido e inseguro. Os autores destacam que, quando o psicólogo se dispõe a escutar a família e o acompanhante, é uma forma de mediar alguns conflitos entre os familiares e a equipe provenientes da hospitalização e a escuta e diálogo entre os mesmos, é capaz de auxiliar nas decisões sobre a melhor forma do tratamento do indivíduo hospitalizado.

#### 4.2 A RELAÇÃO DO PSICÓLOGO COM O HOSPITAL

Ao buscar identificar como é a dinâmica de trabalhar em um hospital e as dificuldades encontradas neste contexto, pode-se notar que as psicólogas ressaltaram que a dinâmica de trabalho é muito intensa e exige muita proatividade do profissional de psicologia, além de uma intervenção breve em alguns setores, visto que o hospital é muito dinâmico, podendo, a qualquer momento ocorrer intercorrências, sendo muitas vezes necessárias algumas intervenções focais. (XAVIER, REIS, e FRASÃO, 2016). Observou-se que o tempo dos atendimentos se torna um dos dificultadores para o exercício profissional, bem como o número de profissionais de psicologia, visto que a demanda de trabalho é grande para poucos profissionais.

“Aqui dentro eu fico responsável pela internação de adultos, porém se tiver outras emergências no materno infantil tenho que atender às essas urgências também. Quanto às dificuldades é que nem todos os profissionais tem a ideia de um sujeito integral né (...) e outra dificuldade é o número de profissionais de psicologia que é muito pouco para o tanto de demanda que aparece.” (P1, 30 anos)

“Eu trabalho no complexo materno infantil, mas quando têm urgências em outros setores eu vou também. Sobre as dificuldades, umas delas é a falta de reconhecimento de alguns profissionais sobre o trabalho do psicólogo, não tem abertura com a gente. E outra dificuldade é que temos que trabalhar uma psicologia breve de tentar minimizar o impacto daquele sofrimento naquele momento e naquela intervenção e, às vezes, você não consegue isso tudo por causa de uma demanda muito grande.” (P2, 31 anos)

Sobre a fala das entrevistadas com relação às dificuldades encontradas no contexto do hospital, pode-se perceber que se trata de um obstáculo proveniente da instituição, acerca da demanda de trabalho e sobre uma intervenção breve. Camon (2010) e Chiatone (2011) corroboram com a ideia de que no hospital, o foco não é trabalhar com a psicoterapia como é trabalhada dentro de um consultório, pois dentro deste é possível agendar a consulta e conhecer a fundo a história do paciente. Na realidade institucional é tudo muito imprevisível, pois depende de vários fatores como a disponibilidade do paciente, seu estado de saúde e os procedimentos hospitalares, necessitando assim de uma intervenção mais focal. Com relação à demanda de trabalho e a falta de profissionais de psicologia, os autores enfatizam que o psicólogo precisa estar ciente sobre os limites e regras da instituição e se adequar as mesmas.

Quando questionadas sobre as estratégias de enfrentamento perante as dificuldades encontradas, as entrevistadas disseram que utilizam táticas como serem proativas e saber dialogar com a equipe.

“Para trabalhar aqui você tem que ter dinamismo, proatividade, não pode ser arrogante, porque você precisa dialogar demais e, às vezes você vai precisar ser mediador, às vezes vai ter que contrariar a equipe, a família, sempre pensando no paciente e para isso é preciso jogo de cintura.” (P3, 30 anos)

“A gente tenta usar um pouco dessa esperteza, tentando encontrar com o paciente, entendendo que aquele momento é único. [...] Discutir com a equipe sobre os casos, é uma das estratégias mais utilizadas aqui.” (P2, 31 anos)

“Com relação a esses profissionais que não entendem o sujeito de forma integral, nós tentamos conversar mostrando qual o sentido da psicologia hospitalar, mostrar que a gente é aliada deles nesse processo de adoecimento e internação do paciente e que estamos ali para melhor atender o paciente. E com relação ao tanto de demanda a gente tenta atender um canto e depois o outro tentando ser dinâmico para atender a todos, mas de um jeito eficaz.” (P1, 30 anos).

Almeida (2019) relata que os psicólogos que hoje adentram em uma instituição hospitalar estão entrando com uma visão diferente, com uma referência teórica mais

embasada, um olhar mais ampliado e com uma conduta mais aberta ao dinamismo das suas funções, e este profissional tem que ser capaz de gerir seus próprios afazeres dentro do hospital e enxergar até onde o trabalho da psicologia é capaz de ir, reconhecer suas limitações e as limitações da instituição na qual ele trabalha. Mesmo após os avanços, o trabalho de humanização do sujeito hospitalizado deve permanecer e ser sempre pautado na ética e na minimização de seu sofrimento, que é o principal objetivo da psicologia dentro do hospital e qualquer outra conquista da psicologia neste contexto é um agregador (CAMON, 2010).

#### 4.3 A INTERAÇÃO DA EQUIPE INTERDISCIPLINAR

Ao buscar saber como é a interação da equipe, considerando que as psicólogas que foram entrevistadas trabalham em um hospital e que é fundamental um trabalho em conjunto com os outros profissionais para melhor atender a demanda do paciente, foi importante indagá-las sobre como é a relação com a equipe e se existia a prevalência do modelo biomédico, fator que pode dificultar a o trabalho do psicólogo no hospital. As entrevistadas ressaltaram que a relação com a equipe é muito boa e que na instituição em que trabalham quase todos os profissionais conseguem enxergar o paciente de uma forma integral.

“No hospital eu acho impossível o psicólogo trabalhar sem a cooperação da equipe, a equipe multidisciplinar nos traz demandas e damos um retorno para eles de qual a melhor forma de conduzir com o paciente, por exemplo, quando tem um paciente que está com dificuldade de adaptar a dieta passada pela nutricionista, a gente consegue pensar juntos estratégias para que ele consiga aderir melhor e faça um tratamento mais eficaz. Sobre o modelo biomédico eu até me assustei quando vim trabalhar aqui, pensava que os médicos tinham esse tratamento apenas biomédico, mas aqui até que os médicos tentam ver o paciente de uma maneira integral, nos solicitam até demais para atender o paciente, lógico que tem um e outro que não vê o sujeito com biopsicossocial, mas a gente tenta conversar e mostrar o trabalho da psicologia.” (P1, 30 anos)

“É uma relação muito boa, muito positiva cada um sabe reconhecer o trabalho um do outro, claro que tem dificuldades como em qualquer outro lugar, mas a psicologia tem uma relação muito positiva com os demais. Tem uns que não entendem o trabalho do psicólogo, mas a gente tem construído um espaço bacana aqui dentro, as pessoas tem demandado muito da psicologia, acho que as portas têm se abrido para psicologia.” (P2, 31 anos)

“Aqui na oncologia, com a equipe multi, a gente faz ações, agora estamos organizando outubro rosa e duas terças ao mês fazemos reuniões toda a equipe multidisciplinar médicos enfermeiros nutrição odonto e psicologia e discutimos todas as primeiras consultas dos pacientes que entraram na unidade esse mês, então é uma relação bem construída e sólida a gente consegue construir caso trocar ideias sempre para o melhor para o paciente.” (P3, 30 anos)

Xavier, Reis e Frassão (2016) demonstram que no contexto hospitalar é preciso acabar com a ideia de que cada profissional deve trabalhar apenas com o conhecimento específico da sua área, sendo necessária uma interação com as outras profissões, pois quando se trabalha com o paciente hospitalizado é imprescindível a contribuição de saberes distintos para atendê-lo. Os autores enfatizam ainda que a integração do profissional de psicologia nesta equipe é importante para mostrar aos outros profissionais como fazer um atendimento de maior qualidade ao paciente, se posicionando e deixando claro qual é o seu papel dentro do hospital e que está aberto a ouvir a todos.

“A relação com a equipe é uma relação muito boa, porque é uma equipe que a gente consegue trabalhar de uma maneira interdisciplinar. O psicólogo atua auxiliando essa equipe, fazendo a mediação de conflitos quando existem. Muitas vezes o paciente tem o período de revolta e, às vezes ele projeta isso pra equipe e a equipe às vezes tem certa dificuldade de lidar com esse comportamento, com o jeito hostil do paciente. Aí a gente também tem o costume de discutir os casos e traçar a conduta de como nós vamos oferecer essa assistência de maneira individualizada, porque cada paciente tem sua subjetividade e a equipe nem sempre está preparada pra lidar com isso, então o papel do psicólogo na equipe é muito importante nesse sentido.” (P4, 24 anos).

Questionadas sobre o entendimento acerca do papel do psicólogo pelos demais profissionais do hospital, elas se posicionam perante algumas atitudes da equipe. Observou-se que elas se posicionam, conversam, fazem ações no hospital para promover o conhecimento sobre a psicologia dentro do hospital.

“Aqui hoje em dia sim, médico, enfermeiro, nutricionista etc. eles entendem sim. Quando acontece de alguém demandar algo que não é da psicologia hospitalar mesmo eles não tendo esse entendimento a gente tem liberdade pra mostrar que aquilo não é padrão do psicólogo, que eles estão pedindo algo que não é do psicólogo fazer, então dá pra gente pontuar o que é para psicólogo fazer. Esse ano fizemos uma ação em todos os setores do hospital falando o que o psicólogo faz, discutimos mitos e verdades com toda a equipe do hospital.” (P3, 30 anos).

“Às vezes eles confundem um pouco chamam a psicologia esperam que a psicologia vá convencer o paciente a determinadas posições e o nosso papel aí contrário. É fazer com que esse paciente assuma e se posicione diante sua doença. A gente ajudar a refletir nas escolhas, mas é ele que escolhe [...]. Eu acho que informar os colegas da equipe sobre o nosso trabalho, em conversas informais mesmo, quando chega a solicitação de atendimento que a gente pode discutir o caso com a equipe são momentos que fazem a equipe entender qual que é o nosso olhar qual que é o nosso papel.” (P4, 24anos).

Chiatone (2011) e Matos e Junior (2017) ressaltam que o psicólogo deve se afirmar e mostrar a necessidade da psicologia na equipe e a indispensabilidade de uma comunicação entre as partes, pois o psicólogo tem o suporte técnico e teórico para estabelecer uma relação

harmoniosa com a equipe e é capaz de mediar a comunicação entre a equipe e o paciente, que muitas vezes, não entende o que o médico quer comunicar por se tratar de uma linguagem mais difícil. Então, o psicólogo tem também a função de mediar essa comunicação, fazendo com que o paciente e seus familiares compreendam o processo da hospitalização, auxiliando para que este sujeito esteja ciente e se torne ativo na sua própria recuperação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo permitiu identificar as estratégias adotadas pelo psicólogo diante das dificuldades que possa haver no contexto hospitalar. Pode-se afirmar que todas as entrevistadas articularam não haver dificuldades demarcadas no exercício de suas funções no âmbito hospitalar, destacando assim o papel da psicologia no hospital, com a equipe multidisciplinar, com o paciente e seus familiares visando o bem estar físico e mental dos mesmos, o que respondeu os pressupostos deste trabalho.

Quanto aos números de profissionais, percebeu-se que se trata de uma limitação da instituição, na qual as psicólogas usam como estratégia o dinamismo para a construção de uma relação sólida com a equipe multidisciplinar que, segundo as falas das participantes reconhecem a importância do profissional psicólogo na equipe. Ainda sobre as estratégias utilizadas pelas entrevistadas, elas relatam sobre a pro atividade e disposição para com a equipe, e a comunicação sendo um dos termos mais enfatizados por elas. Pois de acordo com elas, ter uma boa interação com a equipe se torna um facilitador para o exercício profissional.

Contudo, observou-se que a psicologia tem conquistado seu espaço no contexto hospitalar e que existem dificuldades que ultrapassam as limitações dos profissionais de psicologia, mas que depende que a instituição resolva as mesmas, mas que com esse espaço é possível que o ambiente hospitalar seja mais suscetível de mudanças, como vem ocorrendo.

Como limitações, este artigo se limitou a entrevistar 4 psicólogas que são consideradas hoje 100% da amostra do hospital em estudo e identificar as estratégias e as dificuldades em exercer sua função no hospital, não abordando seu exercício junto aos pacientes ou familiares, ficando como sugestão a realização de mais pesquisas sobre esta temática. Sugere-se ainda, novos trabalhos que consigam investigar e comparar as estratégias utilizadas por psicólogos na cidade de Sete Lagoas, com outros psicólogos de cidades vizinhas, e verificar se as dificuldades são as mesmas encontradas por psicólogos em Sete Lagoas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. *Psicologia hospitalar: compreendendo as contribuições do psicólogo nesse contexto* 2019. Disponível em: <[https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?psicologia-hospitalar-compreendendo-as-contribuicoes-do-psicologo-nesse-contexto&codigo=A1318](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?psicologia-hospitalar-compreendendo-as-contribuicoes-do-psicologo-nesse-contexto&codigo=A1318)>. Acesso em: 25 de set. 2019.

AZEVEDO, A. V. S.; CREPALDE, M. A. A psicologia no hospital geral: aspectos históricos, conceituais e práticos. *Estudos de Psicologia* (Campinas), vol. 33, num. 04, pp.573-585.2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2016000400573&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2016000400573&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 25 de set. 2019.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora Edição, 70, 1977. p 93-149.

CAMON. *Psicologia hospitalar teoria e pratica*. 1. ed. São Paulo. Thompson Learning, 2003. p 2-3.

CHIATTONE, H. B. Significação da psicologia hospitalar. CAMON, V.A. V. (org.) *Psicologia da saúde: um novo significado para a prática clínica*. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.p 207-208.

CRP. Conselho Regional de Psicologia. *Áreas de atuação do psicólogo*. Disponível em: <[crp09.org.br/porta/orientacao-e-fiscalizacao/orientacao-por-temas/areas-de-atuacao-do-a-psicologo-a](http://crp09.org.br/porta/orientacao-e-fiscalizacao/orientacao-por-temas/areas-de-atuacao-do-a-psicologo-a)>. Acessado em 20 abr de 2019.

FOUCAULT. M. *Microfísica do Poder*. 25. ed. São Paulo Graal. 1970 p 57.

GASPAR, C. Psicologia hospitalar e a oncologia in: CAMON, V. A .V. (org) *Psicologia da saúde: um novo significado para a prática clínica*. 2. Ed. São Paulo: cengage learning. 2011. P 79.

GIL. A. *Como Elaborar projetos de pesquisa*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. P 5-10.

KOHLSDORF, M.; BORGES, R. P. A prática do cuidado: A psicologia pelo olhar do psicólogo e de equipes de saúde. *Perspectivas em Psicologia*, 21(1), 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.14393/PPv21n1a2017-12>>. Acesso em: 7 de abr. 2019.

MÄDER, B. J. *Caderno de Psicologia Hospitalar: Considerações sobre assistência, ensino, pesquisa e gestão*. Curitiba : CRP-PR, 2016. Disponível em: <[https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/AF\\_CRP\\_Caderno\\_Hospitalar\\_pdf.pdf](https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/AF_CRP_Caderno_Hospitalar_pdf.pdf)>. Acesso em: 7 de abr. 2019.

MATOS, V. C. A. S.; JUNIOR, A. F. S. Reflexões da hermenêutica filosófica para a prática do psicólogo em contexto hospitalar. *Rev. Abordagem Gestalt.*, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 84-94, abr. 2017. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672017000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 de set. 2019.

MOREIRA; L. D. B. B. D Políticas públicas de humanização: revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2015, v. 20, n. 10, pp. 3231-3242. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/1413-812320152010.10462014>>. Acessado 24 de nov. 2019.

NUNES, J. P. S.; ZANETTI, S. A. S. Limites e alcances do trabalho de um psicólogo em um hospital geral. *Rev. Psicol. Saúde*, Campo Grande, v.7, n.2, p.186-192, dez. 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2015000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2015000200013&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em: 03 de abril 2019.

REIS, M. F. S. B. L. Prática e inserção do psicólogo em instituições hospitalares no Brasil: revisão da literatura. *Psicol. hosp.* São Paulo, v. 14, n. 1, p. 2-26, jan. 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-74092016000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092016000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em: 15 abr. 2019.

SILVA, A.B.M. *Os desafios que os psicólogos hospitalares encontram ao longo de sua atuação. XVI SEPA - Seminário Estudantil de Produção Acadêmica, UNIFACS, 2017.* Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/sepa>>. Acesso em: 28 de ago. 2019.

SILVA, D.; JUNIOR, J. R. O Hospital é o lugar da saúde? A psicologia frente ao processo saúde-doença. 2015. *Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente*. Aracaju. V.4, N.1, p. 9 – 17. Out. 2015 Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/saude/article/view/2217>>. Acesso em: 27 de ago. 2019.

TEDESCO, G. C. *Breve Histórico sobre a Psicologia Hospitalar e Psicologia da Saúde*. Publicado em: 11 de maio de 2017. Disponível em:

<<http://blogdapsicologia.com.br/unimar/2017/05/breve-historico-sobre-a-psicologia-hospitalar-e-psicologia-da-saude>>. Acessado em: 27 de mar 2019.

XAVIER, L; REIS, E; FRASSÃO, M. O trabalho do psicólogo junto à equipe de saúde. *Revista Ciências Em Saúde*, v6, n1, São Paulo, 2016. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/309000567\\_O\\_Trabalho\\_do\\_Psicologo\\_Junto\\_a\\_Equipe\\_de\\_Saude\\_The\\_Work\\_of\\_the\\_Psychologist\\_with\\_the\\_Health\\_Team](https://www.researchgate.net/publication/309000567_O_Trabalho_do_Psicologo_Junto_a_Equipe_de_Saude_The_Work_of_the_Psychologist_with_the_Health_Team)>. Acessos em: 27 de mar.2019.